
Orville E. Swindoll

Movimento pentecostal, adoração, fé, movimentos caracterizados por sinais e prodígios, guerra espiritual

Não deve surpreender ninguém se eu confessar que me sinto mais do que sobrecarregado pela dimensão da tarefa que me foi confiada pelos organizadores desta conferência da IAF. A necessidade de apresentar algo que mereça a nossa atenção sobre este importante tema em pouco mais de vinte minutos é demasiado exigente para as minhas capacidades. No entanto, embora me pare ousado da parte deles, agradeço a honra que me concederam com o convite e tentarei proporcionar-vos pontos de reflexão que possam gerar, pelo menos assim espero, uma conversa útil sobre estes temas. Infelizmente, não me é possível, no âmbito desta apresentação, abordar todos os temas mencionados no título.

Parece-me oportuno dividir o tema em várias categorias de abordagem para, em seguida, tentar, com algumas breves referências, destacar, em certa medida, a importância dessas questões. 1) Em primeiro lugar, tentarei definir, no contexto bíblico, o tema que iremos abordar, para que possam, pelo menos, compreender o uso que faço dos termos que aparecem neste breve documento. 2) Posteriormente, tentarei apresentar uma panorâmica da história da Igreja em relação ao nosso tema. Penso incluir também algumas referências pessoais a título ilustrativo, mas sem me alongar demasiado. 3) Algumas reflexões sobre as orientações podem servir para evitar erros e armadilhas. 4) Por fim, sugeri algumas conclusões e temas que poderemos aprofundar, se o tempo o permitir.

O SIGNIFICADO DO PENTECOSTES

É óbvio que o próprio Senhor Jesus antecipou de forma significativa o evento pentecostal que viria a ocorrer após a sua ressurreição e ascensão ao céu. Até João Batista profetizou que Jesus batizaria os seus discípulos com o Espírito Santo e com fogo (Mt 3, 11). Jesus indicou que os discípulos teriam de esperar a vinda do Espírito Santo para serem cheios até transbordar de graça, sabedoria, ousadia e autoridade espiritual, a fim de cumprir as suas responsabilidades na propagação do evangelho e do reino de Deus (Jo 7:38–39; 16:7–15; 20:21–23; Lc 24:45–49; At 1:7–8). Muito do que Jesus lhes disse a este respeito teria sido muito difícil, se não impossível, de compreender antes do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes.

Não pretendo descrever em pormenor a sequência dos acontecimentos vividos pelos discípulos no dia de Pentecostes, pois estou certo de que são bem conhecidos por todos os presentes. No entanto, creio que pode ser útil destacar alguns dos factos mais importantes que acompanharam

este magnífico acontecimento, que deixou uma marca indelével nos discípulos e abriu caminho para a rápida difusão do Evangelho pelo mundo. Vêm-me à mente as seguintes características:

- Todos os 120 discípulos que estavam à espera viveram a mesma experiência com o Espírito Santo. Ninguém ficou de fora.

- O primeiro sinal foi um vento impetuoso que desceu do céu e encheu o local onde os discípulos estavam reunidos.

- Então, desceram do alto línguas de fogo que se pousaram sobre cada um deles.

- Todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar espontaneamente numa grande variedade de línguas (glossolalia), que foram então compreendidas pela multidão proveniente de muitas nações que se tinha reunido na praça. Lucas relata-nos que estes ouviram os discípulos proclamar, nas suas línguas nativas, as maravilhas de Deus.

- Lucas relata ainda que tudo isso provocou grande agitação e tumulto, o que levou a uma multidão de milhares de judeus nas ruas (eles tinham chegado a Jerusalém para celebrar a festa anual de Pentecostes). O que aconteceu deixou-os confusos e perplexos, pois não conseguiam encontrar qualquer explicação lógica para o que se tinha passado. Alguns zombaram, dizendo que se tratava de um grupo de bêbados na sala do andar de cima. Tudo isto parece indicar que os 120 discípulos estavam a viver um momento de exaltação, ou de entusiasmo avassalador.

- Pedro, depois de ter superado a sua vergonha e a sua covardia, agora cheio do Espírito, deu à multidão a explicação espiritual do que tinha acontecido: Jesus Cristo tinha ressuscitado dos mortos, tinha subido ao céu, tinha-se sentado no trono de Deus e agora tinha derramado o Espírito Santo sobre os seus discípulos, tal como tinha prometido. Aproveitando a ocasião, desafiou a multidão a reconhecer o seu erro ao ter rejeitado Jesus como Messias e ter pedido a sua crucificação; agora deviam arrepender-se e ser batizados em nome de Jesus Cristo. Lucas diz-nos que cerca de três mil pessoas responderam com fé, às quais Pedro prometeu a mesma experiência que os 120 acabavam de viver.

- No final do capítulo 2 dos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta-nos uma breve descrição das características da nova comunidade dos seguidores de Cristo em Jerusalém: batizavam-se e seguiam fielmente o ensinamento dos apóstolos, perseveravam na comunhão, na partilha do pão e na oração. Todos ficavam maravilhados com os milagres e prodígios realizados pelos apóstolos e eram levados a demonstrar profunda generosidade ao cuidar das necessidades dos outros crentes. Reuniam-se todos os dias no templo e nas casas dos discípulos, louvando a Deus e gozando da estima dos seus compatriotas. Lucas acrescenta que o Senhor continuava a salvar e a acrescentar todos os dias novos crentes ao seu número.

Na mente da maioria dos crentes pentecostais de hoje, a maior parte destas características continua a ser partilhada, pelo menos no que diz respeito à fé, independentemente de ser ou não posta em prática. Mas, em geral, as provas mais significativas da fé e da prática pentecostal incluem: uma experiência com o Espírito Santo que transforma a vida após a conversão a Cristo, uma experiência pessoal dos dons do Espírito, especialmente a glossolalia (orar ou adorar a Deus em línguas), fé na intervenção de Deus para a cura física, uma experiência alegre de adoração e

louvor e, em muitos casos, fé para expulsar demónios ou espíritos malignos (Marcos 16:17) . Para além de uma variedade de experiências pessoais, o crente pentecostal tem um grande desejo de conhecer a vontade de Deus e de ser guiado pessoalmente pelo Espírito Santo. O Espírito de Deus não é simplesmente uma influência poderosa; é a terceira pessoa da Trindade divina, que revela Jesus Cristo e conduz a igreja à vitória e à expansão.

UMA VISÃO GERAL DA HISTÓRIA DA IGREJA

Um estudo aprofundado da história da Igreja revela que as manifestações pentecostais e carismáticas nunca cessaram por completo, embora haja poucos testemunhos da sua presença durante longos períodos de aridez espiritual. Os Padres da Igreja e os primeiros escritores referiram-se a elas em diversas ocasiões, especialmente durante os primeiros três séculos da era cristã. Assim que o cristianismo foi reconhecido como a religião «oficial» do Império Romano, grande parte da atividade espiritual espontânea deu lugar a uma liturgia pré-estabelecida no culto cristão. Com a queda do Império Romano e o advento da Idade Média, encontramos poucos testemunhos de uma espiritualidade vital fora da tradição, com poucas exceções, até ao surgimento das primeiras tentativas de reforma, que culminaram finalmente na Reforma do século XVI sob Martinho Lutero e outros.

Com o surgimento de John Wesley, inicialmente sacerdote anglicano e missionário nas colónias norte-americanas, verificou-se um significativo despertar espiritual, frequentemente acompanhado por manifestações espontâneas de exaltação, que poderia ser considerado um precursor do movimento pentecostal moderno. De facto, passou a ser dada maior ênfase à santidade na vida cristã e, por fim, no início do século XX, nasceu o movimento pentecostal moderno no contexto de uma escola bíblica patrocinada por um grupo de santidade em Topeka, no Kansas, sob a liderança de Charles Parham. A influência que isso teve posteriormente sobre William J. Seymour durante as reuniões perto de Houston, no Texas, e a subsequente mudança de Seymour para a região de Los Angeles levaram ao nascimento da Missão da Rua Azusa (1906–09), de onde a mensagem e a missão pentecostais se espalharam rapidamente por todo o mundo.

Uma vez que os primeiros pentecostais foram, em grande parte, rejeitados pelas denominações cristãs tradicionais, só alcançaram uma ampla difusão na segunda metade do século XX. Então, em 1960, espalhou-se a nível nacional (nos Estados Unidos) a notícia de um avivamento pentecostal entre os episcopais (anglicanos) em Van Nuys, na Califórnia, sob a liderança do pastor Dennis Bennett, e rapidamente captou o interesse de outros nas igrejas mais tradicionais. Daí surgiu o que foi definido como o avivamento carismático, que se difundiu rapidamente entre a maioria das denominações cristãs, incluindo os católicos romanos a partir de 1967.

É óbvio que muitos destes acontecimentos são apresentados do ponto de vista de escritores e jornalistas norte-americanos. Seria interessante, e também muito útil, se as informações fossem complementadas com detalhes sobre acontecimentos semelhantes noutras partes do mundo. No entanto, a brevidade deste documento torna isso quase impossível neste momento.

EXPERIÊNCIA PESSOAL

Durante os meus estudos numa universidade batista, tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas que me falaram da sua experiência do batismo no Espírito Santo. Como nutria um intenso desejo de conhecer o Senhor em profundidade, respondi com fé e, no decorrer da minha busca, frequentei ocasionalmente algumas igrejas pentecostais. Quando, algum tempo depois, conheci a rapariga que hoje é minha esposa, partilhámos o desejo mútuo de aprofundar a nossa relação com Deus. Ela também tinha sido influenciada positivamente por um professor pentecostal durante os seus estudos universitários. Pouco depois do nosso casamento, ambos experimentámos o batismo no Espírito Santo, em março de 1953. A experiência marcou profundamente a nossa vida e deu início a um compromisso para toda a vida no serviço cristão e nas missões, levando-nos, por fim, a servir o Senhor na América Latina.

Os desafios que enfrentámos contribuíram, sem dúvida, para o crescimento da nossa fé e da nossa sensibilidade à orientação do Espírito Santo. Ao longo dos anos, em diferentes contextos, experimentámos a Sua intervenção benevolente através de sinais e prodígios, na libertação daqueles que sofriam sob influência demoníaca, em curas e numa variedade de dons carismáticos. O nosso coração transborda de louvor e gratidão para com o Senhor pela sua graça e bondade abundantes para conosco ao longo dos anos e em muitos lugares diferentes. A Deus seja toda a glória!

ORIENTAÇÕES E DISCERNIMENTO

Caminhar com o Senhor sob a orientação do Espírito Santo pode muito bem ser descrito como uma grande aventura sem fim. As Escrituras oferecem-nos orientações muito importantes, mas nada pode substituir a escuta atenta, com os ouvidos e com o coração, do sussurro do Espírito Santo. As Escrituras dizem-nos frequentemente o que devemos fazer e muitas coisas que não devemos fazer, mas só o Espírito Santo nos pode dizer quando e onde devemos agir. Tão importante quanto aprender a seguir o Espírito Santo é a nossa necessidade de aprender a parar quando Ele nos diz «BASTA». O Senhor colocará certas pessoas no nosso caminho, ou ensinar-nos-á através de circunstâncias muito difíceis, e abrirá ou fechará também portas diante de nós; no entanto, se não estivermos sensíveis ao Seu toque ou à Sua orientação, perderemos facilmente de vista as lições que Ele quer ensinar-nos. Temos de nos esforçar por nos tornarmos estudantes fiéis e diligentes das Escrituras, mantendo ao mesmo tempo o nosso ouvido interior atento à Sua voz.

Ao longo dos anos, temos visto demasiadas pessoas perderem-se: algumas por excesso de entusiasmo, outras por falta de discernimento, outras ainda porque não estavam dispostas a aceitar conselhos sensatos, outras porque estavam firmemente convencidas de que o Senhor lhes tinha revelado algo muito pessoal e não estavam dispostas a confiar os seus projetos a outras pessoas que lhes poderiam ter ajudado a evitar cair, sem contar com as muitas que abandonaram a corrida por causa do desânimo. Algumas ficaram presas pelo inimigo das nossas almas e outras cederam devido à sua própria ambição.

Gostaria de referir algumas orientações que considerei muito úteis na minha experiência com o Senhor, na esperança de que possam ser úteis também para outros.

1) Nada pode substituir as Escrituras e o empenho constante em honrar Deus e a Sua revelação que nos é transmitida através delas. Devemos examinar as Escrituras, conhecê-las a fundo e manter sempre o nosso coração aberto ao Espírito Santo, para que Ele nos ilumine ainda mais. Mas é necessário ter sempre presente que o Senhor nunca nos guiará por um caminho que esteja em contradição com o claro ensinamento da Bíblia. Para permanecermos firmes, é necessário que valorizemos a importância de uma hermenêutica saudável, de um estudo e meditação fiéis das Escrituras e de um firme compromisso com o fundamento histórico que a Igreja abraçou ao longo dos séculos.

2) Precisamos de viver em estreita relação com os outros. É perigoso tentar ficar sozinho, e não é aconselhável tomar decisões sem consultar tanto aqueles que se preocupam com o nosso bem-estar, como aqueles que serão afetados pelas nossas decisões.

3) Devemos estar sempre dispostos a analisar tudo aquilo que acreditamos ter recebido por inspiração ou revelação. Nunca devemos agir apenas com base na inspiração. É melhor consultar outras pessoas que nos possam ajudar a avaliá-la.

4) Temos de compreender a importância da continuidade. Deus não faz algo de novo todos os dias. É um Deus que tem um propósito e age sempre de acordo com o seu plano. Mesmo quando nos reserva surpresas, devemos interpretá-las como parte do seu desígnio mais amplo para a nossa vida.

5) O nosso principal objetivo é assemelhar-nos cada vez mais a Jesus em todos os aspetos. Não devemos centrar o nosso trabalho apenas nos projetos. Acima de tudo, Deus está a agir em nós para nos moldar à sua imagem. Se isso não se manifestar claramente ao longo do nosso percurso, há algo que não está bem.

6) O Espírito Santo deseja guiar-nos e dar sentido à nossa vida. Cultivemos um coração atento, a determinação de seguir os seus caminhos e a disponibilidade para pôr de lado os nossos projetos pessoais, a fim de responder ao seu apelo.

A TER EM CONTA

Para concluir, gostaria de sugerir alguns pontos sobre os quais refletir mais profundamente. Algumas das tendências que observo em certos meios pentecostais e carismáticos preocupam-me. Vejo demasiada arrogância, demasiada vontade de se exhibir, muito pouca humildade, pouca disponibilidade para deixar que seja apenas o Senhor a ser glorificado. Pergunto-me de que forma podemos ser eficazes se não aprendermos a ouvir o Senhor no silêncio. Parece-me que quase perdemos a arte da contemplação e da meditação. Concentramo-nos na ação, mas pergunto-me se não deveríamos concentrar-nos mais em pensar, refletir e avaliar. E preocupa-me que muitos daqueles que acreditam ter recebido uma inspiração ou uma instrução do Senhor não estejam dispostos a verificar ou a examinar essa revelação antes de a impor aos outros. Estes são alguns dos temas que tenho em mente ao formular as sugestões que se seguem.

1) Pelo que sei, precisamos de uma nova consciência do valor do silêncio. A disciplina do silêncio é algo que todo servo de Deus deve aprender. Não é necessário expressar uma opinião pessoal sobre tudo o que surge numa conversa. Devemos cultivar a disposição de suspender o julgamento até termos tempo para refletir cuidadosamente sobre as coisas e preparar o nosso coração para ouvir o Senhor.

Devemos instruir os fiéis confiados aos nossos cuidados na arte de esperar em Deus, ouvindo-O atentamente antes de agir. Ao longo dos anos, a Igreja tem ensinado muito sobre como falar de forma adequada e eloquente, mas pouco se tem ensinado aos fiéis sobre a arte de ouvir. Muitos dão por garantido que apenas os pastores e os líderes da igreja têm a responsabilidade de ouvir Deus, mas esse é um direito que pertence a cada cristão (João 10:27; Romanos 8:14). Isto não se aprende rapidamente nem facilmente; os pastores devem ensinar com diligência ao seu rebanho a aprender os caminhos pelos quais o Senhor guia os seus.

Pelo que sei, precisamos de uma nova consciência do valor do silêncio. A disciplina do silêncio é algo que todo servo de Deus deve aprender. Não é necessário expressar uma opinião pessoal sobre tudo o que surge numa conversa. Devemos cultivar a disposição de suspender o julgamento até termos tempo para refletir cuidadosamente sobre as coisas e preparar o nosso coração para ouvir o Senhor.

Devemos instruir os fiéis confiados aos nossos cuidados na arte de esperar em Deus, ouvindo-O atentamente antes de agir. Ao longo dos anos, a Igreja tem ensinado muito sobre como falar de forma adequada e eloquente, mas pouco se tem ensinado aos fiéis sobre a arte de ouvir. Muitos dão por garantido que apenas os pastores e os líderes da igreja têm a responsabilidade de ouvir Deus, mas esse é um direito que pertence a cada cristão (João 10:27; Romanos 8:14). Isto não se aprende rapidamente nem facilmente; os pastores devem ensinar com diligência ao seu rebanho a aprender os caminhos pelos quais o Senhor guia os seus.

2) Devemos prestar mais atenção à obra do Espírito Santo nas nossas vidas no que diz respeito aos dons, às suas manifestações e à revelação, especialmente no contexto da evangelização e das missões. Também neste caso, a atenção concentra-se demasiado nos líderes da igreja e naqueles que sobem ao palco. A igreja beneficiaria muito se todos os santos compreendessem que o Espírito Santo distribuiu os seus dons entre todos eles e que todos têm a responsabilidade de estar atentos a Ele. Devemos ensinar mais às nossas congregações sobre a percepção, o discernimento e o desenvolvimento dos dons e das graças espirituais. Esses dons não surgem na nossa vida já aperfeiçoados ou plenamente desenvolvidos; a habilidade espiritual aprende-se e aperfeiçoa-se através do uso e da interação com os outros. Devemos incorporar em algumas das nossas reuniões oportunidades para que os santos aprendam e adquiram experiência no uso dos dons carismáticos. E devemos ajudá-los a aprender a responder à orientação do Espírito em contextos fora da reunião da igreja.

3) Parece existir um pressuposto tácito entre muitos cristãos de que quem possui um dom

espiritual pode agir sem ser questionado. Muitos profetizam, mas ninguém avalia a palavra. Alguém recebe uma revelação e age com base nela sem esperar que outros avaliem se ela realmente provém do Senhor. Aqueles que oram pelos doentes muitas vezes dão como certo que a cura acontecerá, seja verdade ou não. Não seria muito mais sensato submeter a nossa inspiração aos nossos pares para que seja avaliada? Às vezes comportamo-nos como se fôssemos juízes e partes em causa. Irmãos, isto tem de ser corrigido! Para muitos fora da igreja, parecemos arrogantes, presunçosos e cheios de nós próprios, pouco dispostos a aceitar o julgamento dos outros.

Creio que seria útil para a Igreja e para todos nós, que somos ministros, se adotássemos uma atitude mais discreta e humilde em relação a este assunto. O apóstolo Paulo salientou que, quando os profetas falam, outros [profetas?] devem examinar cuidadosamente o que é dito (1 Coríntios 14:29–33). Isto parece indicar que a palavra do profeta não deve ser considerada como autoridade definitiva até que tenha sido devidamente examinada. Ele escreveu também que não devemos restringir o Espírito Santo nem desprezar a profecia, mas que tudo deve ser submetido a prova para, depois, reter apenas o que é bom (1 Tessalonicenses 5:19). Estabeleceu restrições ao uso das línguas na assembleia (1 Coríntios 14), mas, para muitos crentes pentecostais, falar em línguas em voz alta tornou-se um sinal da sua legitimidade como pentecostais. Estas questões devem ser abordadas e tratadas com seriedade. Conheço demasiados pastores que se recusam a abordar estes temas de forma crítica e não ensinam os santos de acordo com as Escrituras. Acredito que faríamos bem e talvez estabelecêssemos um precedente saudável se definíssemos algumas diretrizes sensatas para estas questões nas nossas reuniões.

4) Temos de deixar bem claro que não temos qualquer interesse em ser «homens-orquestra». Não só em contextos como esta conferência, mas também nas nossas atividades quotidianas, deve ficar evidente para todos aqueles que nos conhecem que não agimos sozinhos. Devemos deixar de nos preocupar com a nossa importância ou com o nosso domínio e mostrar maior interesse em que Cristo seja destacado como Senhor e Cabeça da Igreja. Isto nunca acontecerá se não aprendermos a agir de forma concertada. Se faltam companheiros, devemos concentrar a nossa atenção em formar e preparar outros que possam estar ao nosso lado e até mesmo ocupar o nosso lugar. Nenhum de nós deve ousar tentar perpetuar-se a si próprio. Temos de nos diminuir, para que Cristo cresça!

Jesus Cristo insistiu neste ponto. Chamou doze pessoas para se tornarem apóstolos e tratou-as como um grupo, por vezes em grupos mais pequenos, mas sempre num contexto plural. A Igreja primitiva de Jerusalém apresentou a sua liderança plural de forma unida, cooperativa e complementar, mostrando-se até disposta a dar um passo atrás. O apóstolo Paulo quase nunca viajou nem exerceu o seu ministério sozinho; teve sempre consigo colegas e discípulos. A Igreja é um corpo e todos os membros são importantes e essenciais uns para os outros. Devemos ser um exemplo com o nosso estilo de liderança, demonstrando que cada ministério é complementar, não a obra de um único, mesmo que haja dons e eloquência notáveis.

CONCLUSÃO

Concluo este breve estudo elogiando o excelente discernimento demonstrado pelos responsáveis por esta conferência anual. Encorajo-vos a prosseguir juntos, apesar de toda a oposição. O vosso trabalho é de grande importância neste momento crucial da história e da experiência da Igreja. Foram transmitidas demasiadas impressões negativas por aqueles que se proclamam apóstolos, mas que são seriamente questionados e continuam a infligir graves danos à Igreja. Conheço alguns destes casos em primeira mão; outros foram-me relatados por aqueles que foram negativamente influenciados. Enfrentamos o grande desafio de sermos autênticos, espirituais, diligentes e sérios, sem assumir posições exageradas que não deveriam ter lugar entre aqueles que desejam honrar Cristo. Que o Senhor continue a guiar os vossos pensamentos e as vossas decisões.

O.E. Swindoll

Texto traduzido com o DeepL Translate